

IMAGENS DA ORQUESTRA FILARMÔNICA EM GOIÁS: UMA BREVE RETROSPECTIVA

Othaniel Pereira de Alcântara Júnior*

A motivação para este estudo, mesclado de história e memória, teve origem durante a leitura de um texto publicado no dia 25 de dezembro de 2015, na página do “Guia Folha”, hospedado no site da UOL, conhecido provedor de internet. Lá, foi divulgada a relação dos melhores concertos nacionais daquele ano, como uma das categorias da enquete “Melhores do Ano”, organizada pelo Jornal “Folha de São Paulo”. O resultado da votação do público e jurados especializados indicou a apresentação da Orquestra Filarmônica de Goiás (OFG), realizada sob a regência do inglês Neil Thomson, no mês de julho, na Sala São Paulo, na cidade de São Paulo, como um dos destaques da temporada. Ao justificar seu voto na referida enquete, o jornalista Manuel da Costa Pinto, um dos jurados, afirmou que a OFG, após a sua segunda turnê nacional “credenciou-se como uma das melhores orquestras brasileiras”.

Trata-se, sem dúvida, do ápice da trajetória da Orquestra Filarmônica de Goiás. É verdade, que esse passo foi bem planejado. Para tanto, foi necessária uma profunda reestruturação em 2012, que incluiu, entre outros feitos, a renovação e ampliação do quadro de músicos diante da oferta de salários mais atraentes, melhorias na infraestrutura, além da implementação de um calendário fixo de apresentações musicais. Não obstante, uma preocupação vem à baila: até quando a atual estrutura da OFG será mantida? Esse questionamento justifica-se por dois motivos. O primeiro é que sabemos que um grupo instrumental com essas características depende do apoio governamental para sua sobrevivência. E o segundo é decorrente do próprio histórico dessa Orquestra, que nasceu em 1980, a partir dos esforços do maestro Braz Wilson Pompeu de Pina Filho (1946-1994) com o apoio oficial do Governo do Estado de Goiás.

É relevante dizer que essa orquestra, de 1980, não nasceu apenas do esforço de Braz de Pina e da vontade política do Governador do Estado de Goiás daquela época, Sr. Ary Ribeiro Valadão. Na verdade, ela representou a concretização de um antigo

* Othaniel P. de Alcântara Jr. Mestre em Musicologia pela Universidade Federal de Goiás. Professor da Escola de Música e Artes Cênicas da UFG e Conselheiro Estadual de Cultura. Correio eletrônico: othaniel.alcantara@gmail.com

sonho que remonta a meados da década de 1930, quando chegaram os primeiros músicos à recém-nascida Goiânia.

Assim, inicialmente, será apresentado neste trabalho, um histórico das primeiras manifestações musicais na Capital para, sequencialmente, serem registradas as várias e sucessivas tentativas, nas décadas de 1930 a 1970, de dotar Goiânia de uma grande orquestra profissional. Ainda, na parte final do texto, há um relato, muitas vezes tendencioso a uma opinião pessoal, sobre a tão esperada criação de uma orquestra, fosse ela sinfônica ou filarmônica¹⁰⁶. Procurou-se evidenciar também, sua tumultuada caminhada até seu reconhecimento pela crítica nacional, fato já mencionado na Introdução.

A redação que se segue tem como fontes, inicialmente, alguns livros, um trabalho acadêmico e documentos constantes do acervo da família do meu ex-professor na Universidade Federal de Goiás, o violinista Crundwald Costa (1916-2002). Tais fontes contemplam a história da música orquestral goiana, até meados da década de 1980. A partir de então, entram em cena as apontamentos do autor, este que foi violinista da Orquestra Sinfônica de Goiás (OSG) entre os anos de 1981 e 1991, bem como as informações contidas em recortes de jornais e programas de concertos pertencentes ao seu arquivo pessoal. Também foram explorados documentos e relatos dos colegas Marshal Gaioso Pinto e Ana Elisa Santos Cardoso, que têm dado prosseguimento à luta pela manutenção e busca pela excelência das orquestras profissionais da cidade.

1. A prática musical em Goiânia na década de 1930

Os responsáveis pelas primeiras apresentações musicais na região destinada à construção de Goiânia foram músicos de diversas cidades do interior goiano. Segundo relato de Iúri Rincon GODINHO (2013, p.80), a primeira missa realizada por aqui, em 27 de maio de 1933, foi musicada pelas professoras e alunas do

¹⁰⁶ No passado, dizia-se que uma orquestra sinfônica era composta por músicos remunerados enquanto a orquestra filarmônica era formada por músicos amadores. Também dizem que a diferença está na maneira como são mantidas. A primeira, pelo poder público, enquanto a segunda, pela iniciativa privada. Esta definição justifica-se pelo fato de que, no início do Século XIX, comerciantes de algumas cidades da Europa organizaram sociedades culturais que mantinham orquestras. Atualmente, não existem diferenças, exceto o nome. Na prática, parte das filarmônicas de hoje não sobreviveriam sem financiamento público. As orquestras sinfônicas e as filarmônicas possuem uma estrutura definida: naipes das cordas, naipes das madeiras, naipes dos metais etc. Sua formação pode comportar entre 60 e 120 músicos.

tradicional Colégio Santa Clara¹⁰⁷, instituição sediada na cidade vizinha de Campinas, também conhecida por Campininha das Flores, hoje bairro de Goiânia. Para essa missa, acrescenta Márcia Regina (2010, p.63), as alunas do colégio participaram, inclusive, da roçagem do local onde seria construída a futura capital.

GODINHO (2013, p.88) relata, também, que uma segunda missa campal foi celebrada em 24 de outubro do mesmo ano, no local onde hoje se encontra a Praça Cívica. Data do lançamento da pedra fundamental da cidade que apenas em 1935 recebeu o nome de Goiânia.

Nesse dia, segue o autor, tão logo o sol saiu no horizonte, a região acordou com muita música. Tratava-se de sons de bandas variadas de cidades do interior tocando marchinhas populares. Mais tarde, terminada a parte religiosa, uma Banda de Música de Campinas, regida por José Ferreira de Araújo, conhecido como Zé do Ó¹⁰⁸, executou o Hino Nacional Brasileiro.

Após a instalação do Município, em 20/11/1933, vários outros músicos, oriundos principalmente de Vila Boa, chegaram à região visando explorar o novo mercado. Assim, mesmo antes de Pedro Ludovico Teixeira assinar o decreto de transferência do Governo Estadual para Goiânia (23/03/1937), bandas de música popular ou jazz já abriam eventos sociais e cerimônias de inauguração de importantes construções na cidade.

Quanto à implantação da música clássica na nova capital, o marco importante foi a transferência do Lyceu de Goyaz, em 1937. A instituição criada em 1847, de acordo com a pesquisadora Maria Augusta Calado de Saloma RODRIGUES (1982, p.36), já no ano de 1848, passou a contar com a disciplina “Música” em seu currículo. Sobre o assunto, Belkiss Spencièrre Carneiro de MENDONÇA (1981, p.48) afirma que, em 1938, Joaquim Edison de Camargo transferiu-se para Goiânia, onde trabalhou com orquestras e corais eruditos. Ele, inclusive, lecionou durante quarenta anos no respeitado e já mencionado Lyceu de Goyaz.

¹⁰⁷ Instituição fundada na cidade de Campinas/GO, pelas irmãs Franciscanas vindas da Alemanha, em 1921 a pedido dos padres Redentoristas. Elas iniciaram seu trabalho de instrução, educação e evangelização em janeiro de 1922. Inicialmente, o espaço funcionou como internato para moças e, a partir de 1926, também como Escola Normal para formação de professoras. Desde a fundação, além das aulas de canto, ofereceram-se aulas de instrumentos musicais como, por exemplo: piano, órgão e violino. (ORTENCIO, 2011, p. 215 a 217).

¹⁰⁸ Zé do Ó (José Ferreira de Araújo) é considerado o músico mais antigo da região. Transferiu-se de Pirenópolis para a Cidade de Campinas/GO (atual bairro de Goiânia) no final do século XIX. Naquela cidade histórica, foi instrumentista da Banda de Música “Euterpe”, dirigida pelo ilustre maestro Antônio da Costa Nascimento (Tonico do Padre). (PINA FILHO, 2002, p.12)

Os cursos de canto e instrumentos musicais (piano, violino, bandolim, violão, acordeon, harmônio e harpa), ministrados pelas Irmãs do Colégio Santa Clara (PINA FILHO, 2002, p.147), também contribuíram muito para o desenvolvimento da música clássica na região. Outro acontecimento importante foi a criação do Curso de Música e do Coral na Escola Técnica Federal de Goiás, dirigidos por Nair de Moraes (1945) e Edméa Camargo, a partir de 1945. Destacaram-se, ainda, iniciativas como as apresentações musicais “ao vivo” na primeira emissora de rádio de Goiânia, a “Rádio Clube”, fundada em 05/07/1942 (atual Rádio 730) e outras como a “Brasil Central”, a partir de 1950. A década de 1940 viu surgir, igualmente, vários cursos particulares de música erudita oferecidos por nomes como: Maria Angélica da Costa Brandão (1880-1945), a “Nhanhá do Couto”, pela sua neta Belkiss Spencière de Carneiro de Mendonça (1928-2005), por Crundwald Costa (1916-2012) e por Érico Pieper¹⁰⁹.

2. As orquestras amadoras de Goiânia

A luta pela implantação de uma orquestra erudita profissional em Goiânia data do final da década de 1930. Várias tentativas foram feitas nesse sentido. Entretanto, a falta de mão de obra especializada e as dificuldades financeiras das instituições musicais e do poder público adiaram esse sonho por quatro décadas.

2.1 Os primeiros conjuntos musicais eruditos em Goiânia (1938)

Logo após chegar a Goiânia com o Lyceu, o violinista e compositor Joaquim Edison de Camargo (1900-1966) organizou, a partir de 1938, uma pequena orquestra e um coral na instituição. Na verdade, de acordo com Braz Wilson Pompeu de PINA FILHO (2002, p.20), foi uma continuação do seu trabalho realizado em Vila Boa, inclusive utilizando vários músicos oriundos daquela cidade. Os conjuntos musicais e corais organizados pelo professor Joaquim Edison no Lyceu e no Instituto Federal tiveram destaque no cenário musical goianiense nos anos seguintes.

¹⁰⁹ Ao que tudo indica, o trabalho de Érico Pieper em Goiânia era bastante conhecido e respeitado. Todavia, não existem muitas informações sobre esse músico. Sabe-se que era um estrangeiro (alemão, talvez), residente em Goiânia desde 1943 e que por aqui criou conjuntos musicais populares no estilo orquestra de salão, além de outros semieruditos. Segundo BELKISS (2006, p.31-34), foi proprietário do Restaurante Bambo, local de importante presença musical em Goiânia naquela época. Na década de 1950, transferiu-se para Brasília, onde fundou e dirigiu a Orquestra Brasiliense de Salão.



Figura 1 - Joaquim Edison de Camargo (1900-1966)

2.2 A Orquestra da Sociedade Pró-Arte e o sonho de criação de uma Sinfônica (1945)

Uma nova etapa na vida cultural de Goiânia iniciou-se em 1945, com a fundação da Sociedade Pró-Arte de Goiás pelo arquiteto, escultor, pintor e músico paulista José Amaral Neddermeyer (1894-1951), que trabalhava nas obras de construção da nova cidade.

O escolhido para dirigir o Departamento de Música da entidade, segundo Maria Helena Jayme BORGES (1998, p.84) foi o professor e compositor Érico Pieper que, desde 1943 regia e coordenava uma orquestra de salão em Goiânia.

Desta forma, surgiu a Orquestra da Pró-Arte que envolveu profissionais de seu conjunto musical e músicos da orquestra do professor Joaquim Edison de Camargo, vinculada ao Liceu de Goiânia. Para ocupar a função de solista foi convidado o violinista Crundwald Costa (1916-2002), da Orquestra de Franca/SP. Ele chegou a Goiânia em 08 de setembro de 1945 e ficou mais conhecido por aqui como Professor “Costinha”.

PINA FILHO (2002, p.35) esclarece que a Orquestra da Pró-Arte, de fato, era um pequeno conjunto composto, inicialmente, por dez elementos e dirigido pelo piano-guia de Érico Pieper. O grupo possuía um caráter também didático. Havia nele uma preocupação com a informação ao público a respeito das artes, bem como com a formação de novos artistas.

Contudo, percebe-se nas informações disponibilizadas por PINA FILHO (2002, p.37) que, naquele momento, já existia a ideia da criação de uma grande

orquestra em Goiânia. Registra ainda esse musicólogo, que várias das apresentações promovidas pela entidade “tiveram por finalidade angariar fundos para a aquisição de instrumentos musicais para a criação da orquestra sinfônica”.

No entanto, o projeto acabou sendo adiado, visto ter a Sociedade Pró-Arte encerrado suas atividades em 1948. Coube, então, ao violinista Crundwald Costa a tarefa de manter os músicos em atividade. Em 1948 ou 1949, seu conjunto adotou o nome “Orquestra de Amadores”. É importante ressaltar que o “Professor Costinha”, além de violinista na Sociedade Pró-Arte, já havia criado, juntamente com o pianista Érico Pieper, um curso de música (particular), com sede no Museu de Goiânia, em 1945. Assim, vários de seus alunos, ao longo do tempo, foram sendo integrados ao grupo remanescente.

No final de 1949 e início de 1950, o grupo do Professor “Costinha” mostrava-se bem desequilibrado na sua formação instrumental. Contava, à época, com 21 violinos, um violoncelo, um contrabaixo, uma flauta, uma clarineta, um saxofone, um trompete, dois trombones e um piano.



Figura 2 - Crundwald Costa (1916-2002)

2.3 A Orquestra da Associação Goiana de Música - AGM (1950)

O ano de 1950 marca o início de uma nova etapa da música orquestral em Goiânia: o ano de criação da Associação Goiana de Música (AGM). O estatuto dessa sociedade civil assinado pelo seu Diretor-Presidente, Alaor Braga, na reunião do dia 5 de junho de 1950, foi publicado no Diário Oficial nº 6.459 de 23 de junho de 1951. A frase abaixo, extraída desse estatuto, clarificava a principal finalidade da iniciativa:

“desenvolver na sociedade de Goiânia o gosto pela música, através de uma orquestra sinfônica”.

Nesse diapasão, uma das primeiras medidas tomadas pela diretoria da AGM, acerca disso, foi incorporar a “Orquestra de Amadores” regida pelo sócio fundador Crundwald Costa à Entidade. A ideia de criação de uma orquestra profissional erudita passou pela tentativa da AGM de sensibilizar o Poder Público Estadual para a necessidade de apoiar a criação de uma Sinfônica no Estado de Goiás, oferecendo um concerto ao Governador do Estado, Sr. Jerônimo Coimbra Bueno. Ao que tudo indica a referida tentativa não obteve sucesso.

O grupo da Associação Goiana de Música esteve sob a regência de Crundwald Costa até 1952, quando, conforme depoimento do próprio à pesquisadora Maria Helena Jayme Borges, “devido a problema de saúde, teve que se afastar da direção da orquestra” (BORGES, 1998, p.88). Como consequência de seu afastamento, o “movimento” Orquestra Sinfônica foi interrompido mais uma vez.

Mas, o Professor “Costinha” voltaria, tempos depois, a reger. Alguns anos mais tarde, ele passou a lecionar no Conservatório de Música da UFG¹¹⁰, transformando-se na mais importante referência do ensino de violino no Estado, até janeiro de 1991, ano de sua aposentadoria compulsória na Universidade Federal de Goiás. No ano seguinte, alguns músicos daquele grupo vinculado à AGM retomaram os trabalhos da orquestra. Em 1954, a regência do grupo foi entregue a Jean François Douliez, que havia chegado a Goiânia naquele ano. Douliez foi convidado a participar da formação e fundação do Instituto de Música da Escola Goiana de Belas Artes (EGBA), que passou a funcionar a partir de 1955. Era um respeitado músico, educador, compositor, violinista, violoncelista e maestro belga. Sobre sua decisão de aceitar a empreitada na terra dos Goyazes¹¹¹, diria seu colega Heitor Villa-Lobos: “Meu bom amigo Douliez: o que você vai fazer no distante oeste brasileiro, no meio dos índios? É

¹¹⁰ O Conservatório de Música da UFG nasceu como um departamento da Escola Goiana de Belas Artes (E.G.B.A), em 1955, a partir da iniciativa de seu diretor, prof. Luiz Curado e dos professores de música Jean Douliez e Belkiss Spencièri. Esse departamento tornou-se autônomo em 1956. Teve seu nome alterado para Conservatório Goiano de Música e transferiu-se do Museu de Goiânia para o prédio da antiga Fac. de Direito, na Rua 20, Centro. Em 1957, mudou-se para uma casa alugada na Av. Tocantins. (PINA FILHO, 2002, p.54). Em 1960, foi anexado à Universidade Federal com o nome de Conservatório de Música da UFG. Posteriormente, trocou de nome mais três vezes: Instituto de Artes da UFG, em 1971 e Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC/UFG), em 1996. (Site da EMAC/UFG).

¹¹¹ Goyazes é o nome usado para designar os índios homenageados pelos portugueses ao fundar a cidade de Vila Boa de Goyaz, conhecida atualmente como Goiás Velho, em 1736.

melhor você me dar seus dois violinos que eu te dou dois revólveres no lugar” (In: BITTENCOURT, 2008, p.18).

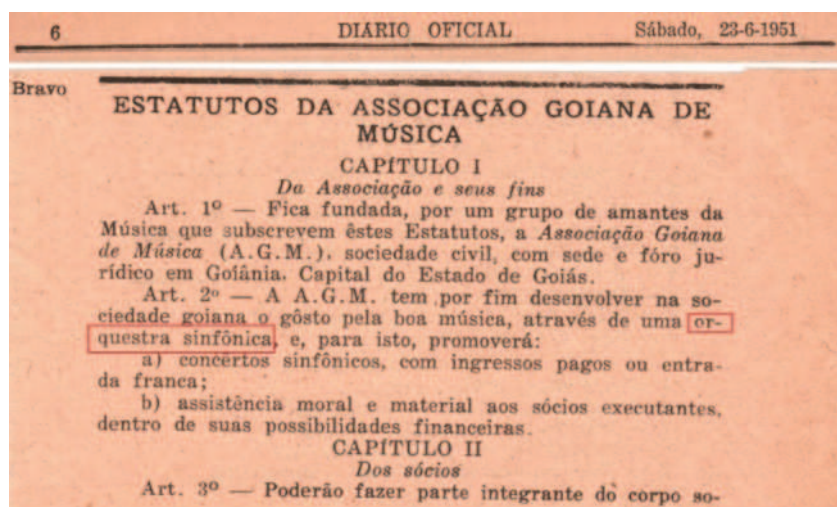


Figura 3 - Trecho do Diário Oficial do dia 23/06/1951. Acervo: família de Crundwald Costa

2.4 A Orquestra da Sociedade de Concertos Sinfônicos de Goiás (1956)

Jean Douliez, além de lecionar no Instituto de Música, trabalhou intensamente no sentido de tornar realidade o sonho de criação de uma orquestra, com caráter sinfônico, na cidade de Goiânia. Assim, em 04 de setembro de 1955, o Jornal “O Popular” noticiou que o maestro, então Diretor do Instituto de Música da EGBA, solicitava ao Prefeito de Goiânia, Sr. João de Paula Teixeira, cooperação para a criação de uma Orquestra Sinfônica na Capital (BITTENCOURT, 2008, p.37). Pleito não atendido.

Longe de desistir, resolveu trilhar outro caminho. Então, ainda no mesmo ano, em 29 de setembro, criou, em parceria com Jacy Siqueira, a Sociedade de Concertos Sinfônicos de Goiás. A entidade tratava-se de uma sociedade civil com personalidade jurídica, cujo estatuto, publicado no Diário Oficial de 12/02/1956, previa a criação da tão sonhada orquestra, que seria chamada, equivocadamente, de Sinfônica de Goiás. Justifica-se o equívoco porque, de fato, essa nunca passou de um grupo menor, de câmara.

Deste modo, em 1956, o movimento “Orquestra Sinfônica” foi reiniciado. Mais uma vez, um grupo de músicos amadores se reunia, dando continuidade ao trabalho implantado por Joaquim Edison de Camargo, Érico Pieper e Crundwald Costa, em anos anteriores.

Os ensaios, sob a direção do maestro Jean Douliez, eram realizados no prédio da antiga Faculdade de Direito (Rua 20), sede do Conservatório Goiano de Música (CGM), instituição particular que nasceu por ocasião do desmembramento do Instituto de Música da Escola Goiana de Belas Artes, em 1956.

Deve-se ressaltar que o CGM foi federalizado, através da Lei nº 3.843 de 14/12/1960, publicada no Diário Oficial da União de 20/12/1960 (PINA FILHO, 2002, p.86). Ao se transformar em uma nova unidade da Universidade Federal de Goiás, o então CGM teve seu nome modificado para Conservatório de Música da UFG. A Instituição continuou a abrigar a Orquestra da Sociedade de Concertos Sinfônicos de Goiás, em sua nova sede situada na Avenida Goiás.



Figura 4 - Jean François Douliez (1903-1987)

2.5 A Orquestra Feminina do Conservatório de Música da UFG (1959)

Certa vez, durante uma reunião do Corpo Docente do CGM, confidenciou Belkiss Spencièrre, naquela época diretora da instituição, que “O professor Jean Douliez apresentou-se desanimado, triste, queixando-se da impossibilidade de conseguir um bom rendimento nos ensaios da Orquestra da Sociedade de Concertos Sinfônicos de Goiás: pela carência de músicos, sua frequência irregular e pontualidade não observada”. (MENDONÇA, 2006, p.58). Para a professora Belkiss, tal situação apresentava-se de difícil solução. Ora, os instrumentistas não recebiam remuneração pelo trabalho na orquestra. Além disso, eram músicos amadores da cidade que tocavam pelo simples prazer de tocar.

Percebendo que o maestro estava vencido e desalentado, a então diretora sugeriu um novo desafio: fundar uma orquestra feminina, formada apenas por alunas matriculadas no CGM. Esse conjunto coexistiria com a Orquestra da Sociedade de Concertos Sinfônicos de Goiás. Cabe dizer que àquela época, a grande maioria dos matriculados na instituição constituía-se de pessoas do sexo feminino. O desafio foi aceito e logo foram providenciados os recursos para montar toda a estrutura. As alunas, quase todas pianistas, foram incentivadas a estudar um segundo instrumento, adquirido pela Instituição. A iniciativa partiu das próprias professoras. A diretora do CGM, por exemplo, escolheu estudar violoncelo. Nascia, assim, a Orquestra Sinfônica Feminina (OSF).

Os primeiros ensaios da OSF foram sofríveis! Por outro lado, lembra MENDONÇA (2006, p.59), “A alegria estava estampada em todos os rostos” e o entusiasmo do maestro Jean Douliez era visível. Em 07 de dezembro de 1959, aconteceu o primeiro concerto, que contou com 49 moças, no auditório da Escola Técnica Federal de Goiás. Por se tratar de uma novidade, a Orquestra Feminina foi notícia em jornais e revistas de quase todo o Brasil e, também, em alguns países da Europa. A partir disso, os convites para apresentações tornaram-se constantes. Uma das importantes apresentações aconteceu em Belo Horizonte, durante uma homenagem prestada ao Sr. Juscelino Kubitschek, então Presidente da República.

Para MENDONÇA (2006, p.59), “foi um bom sonho, enquanto durou”. A autora justifica-se: “os namorados e noivos de suas integrantes começaram a não ver com bons olhos aquele conjunto musical que, além de lhes roubar a atenção das eleitas em todas as noites da semana, até já os separava para as viagens”. Em consequência disso, o grupo não tardou a perecer.

Outra versão para o fim precoce da Orquestra Feminina e também da Sinfônica de Goiás, em 1961, foi contada pelo professor Braz Wilson Pompeu de Pina Filho:

O fato principal que determinou seu encerramento [Orquestra Sinfônica de Goiás], assim como o da Orquestra Sinfônica Feminina, logo no ano de 1961 deveu-se a um concerto em que o maestro [Douliez] apresentava as suas duas orquestras, por ocasião de um seminário que reunia pessoas de várias partes do Brasil. Naquele concerto, a Orquestra Feminina, que ainda não havia conseguido um nível razoável de aptidão, e que despertava curiosidade mais pelo seu caráter inovador e plástico, a reação foi de “choque” contra os ouvidos de um público que não entendeu aquele tipo de trabalho. Assim, inúmeras frases desairosas foram rabiscadas nos guardanapos da sala de

jantar, acompanhadas de muitas outras manifestações de despreço por parte do público. Os componentes da **Orquestra Sinfônica de Goiás** [grifo nosso] decidiram, a partir desse incidente, não participar mais da Sociedade de Concertos Sinfônicos. (PINA FILHO, 2002, p.71)

De fato, apenas a Orquestra Feminina encerrou suas atividades naquele dia. Já em relação ao movimento “Orquestra Sinfônica”, poderíamos dizer que sofreu apenas um enfraquecimento. Entre 1961 e 1962, o maestro Levino de Alcântara, um músico pernambucano que trabalhava em Anápolis desde 1957, tentou reativar a extinta Sinfônica de Goiás, aquela vinculada à Sociedade de Concertos Sinfônicos de Goiás.

Entretanto, Levino de Alcântara não obteve êxito. Assim, devido à falta de recursos e diante de um quadro pouco animador no campo artístico, resolveu transferir-se para Brasília. Lá, ele se tornou o responsável pela criação da Escola de Música e da primeira Orquestra Sinfônica do Distrito Federal.

Com o fim da Sociedade de Concertos Sinfônicos de Goiás, o Conservatório de Música da Universidade Federal de Goiás absorveu a Sinfônica. Essa se reuniu mais algumas vezes sob o comando de Jean Douliez, já com o nome de Orquestra Sinfônica da UFG.

Em Goiânia, Jean Douliez foi responsável também pela criação, em 1955, de um quarteto de cordas, no qual tocou violoncelo; foi diretor do movimento “Juventude Musical Brasileira - Setor de Goiás”, a partir de 1957. Fundou ainda, em 1957, uma orquestra chamada “Alvorada”, que prestou muitos serviços à cultura goiana, com a apresentação semanal em um programa na Rádio Anhanguera. No entanto, as atividades do maestro na cidade foram encerradas, definitivamente, com seu retorno à Bélgica, em 1965.

2.6 A Orquestra Sinfônica da UFG

Após o retorno do professor Jean Douliez para a sua terra natal, o Conservatório de Música fez várias tentativas, mal sucedidas, visando reorganizar a chamada “Orquestra Sinfônica da UFG”. Ainda em 1965, segundo BORGES (1998, p.90), a referida orquestra foi novamente dirigida pelo maestro Crundwald Costa. Naquela época, os músicos começaram a receber uma espécie de bolsa, no valor de um salário mínimo por mês. Em 1968, sob a supervisão da Professora Maria Lucy da Veiga Teixeira, o grupo chegou a ser regido pelo Professor Estércio Marquez Cunha (PINA FILHO, 2002, p.94). A estreia desse maestro aconteceu no dia 20 de agosto. O Conjunto

instrumental contou, naquela data, com 23 instrumentistas. Por motivos até agora desconhecidos, o grupo não reiniciou seus trabalhos no ano de 1969.

O Conservatório de Música, de acordo com PINA FILHO (2002, p.94), nos oito anos seguintes, contou apenas com o trabalho contínuo do Professor “Costinha” no ensino de instrumentos de cordas (violino, viola, violoncelo e contrabaixo), além de seus ensaios do conjunto estudantil. Com esse grupo de alunos é que provavelmente ele iniciou mais uma vez, em 1973, um trabalho em prol da Sinfônica. Crundwald Costa teria convidado o Professor Braz Wilson Pompeu de Pina Filho, segundo seu próprio relato no livro de sua autoria “Memória Musical de Goiânia”, a assumir a regência da orquestra de estudantes por ele criada na instituição, esta que, a partir de 1971, passou a chamar-se Instituto de Artes (IA/UFG).

2.7 A Orquestra Sinfônica de Goiânia (1973-1974)

A partir do convite do Professor “Costinha” e do apoio de Belkiss Spencièrè, Braz de Pina iniciou um trabalho intenso que acabou permitindo a formação e continuidade de uma grande orquestra. Dessa forma, o mencionado convidado transformou-se em mais um nome a investir no campo da música sinfônica. Naquela época, era apenas um aluno do Instituto de Artes, Instituição nascida por meio da fusão do Conservatório de Música com a área de artes plásticas. Mesmo assim, arregimentou professores e alunos de instrumentos de sopro da Escola, além dos músicos de sopro (madeiras e metais) da Banda de Música da Prefeitura de Goiânia, da qual era diretor e regente desde 1972.

O resultado foi uma pequena orquestra que chegou, segundo relato do próprio maestro ao Jornal “O Popular” de 08/08/1988, “aos trancos e barrancos, a executar a *Sinfonia n° 6* de J. Haydn, algumas canções orquestradas de Fritz Kreisler, a *Abertura Egmont* de Beethoven e a *Marcha Militar* de Schubert.” A primeira apresentação do grupo sob a regência de Braz de Pina, ocorreu em 22 de outubro de 1973 nas dependências do Instituto de Artes da UFG, em comemoração ao 40º aniversário da cidade de Goiânia.

Porém, a Orquestra Sinfônica de Goiânia, como ficou conhecida, teve vida curta. Em meados de 1974, o próprio maestro dispensou o grupo de sopros oriundo da Banda Municipal, sob a alegação de falta de condições técnicas e de apoio material. Mesmo com o fim da parceria entre a Universidade Federal de Goiás e a Prefeitura de

Goiânia, a seção de cordas do Instituto de Artes continuou funcionando com o nome de Orquestra de Cordas da UFG.

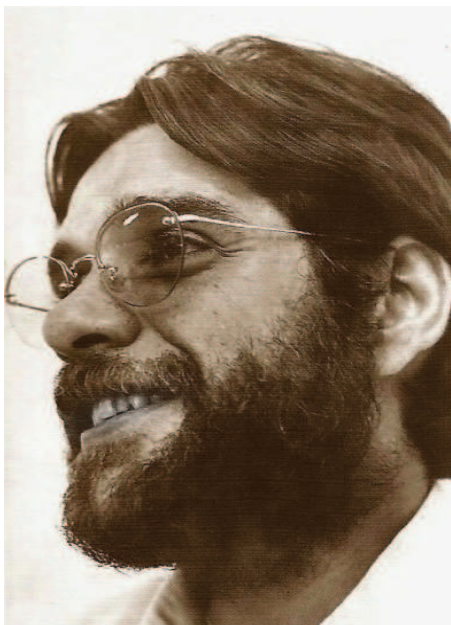


Figura 5 - Braz Wilson Pompeu de Pina Filho
(1946-1994)

Nos restante da década de 1970 e nos anos 1980, estiveram à frente desse grupo de cordas do IA/UFG, coordenando ou regendo-o, os professores Crundwald Costa, Braz Wilson Pompeu de Pina Filho, Heloisa Barra Jardim, Maria Lucy da Veiga Teixeira, Luiz Graciliano Sales e Jorge Armando Nogueira Nunes. Outros grupos foram formados nas décadas seguintes. Um deles foi organizado no início da década 1990 pelos professores Othaniel Pereira de Alcântara Jr. e Fernanda Albernaz do Nascimento, com a regência do promissor aluno da Instituição, o clarinetista Marshal Gaioso Pinto.

Apesar do desmanche, Braz de Pina não desistiu de seu objetivo. Apoiado por Belkiss Spenciêre, então Diretora do IA/UFG, procurou uma solução para o problema técnico-financeiro da orquestra. Braz de Pina sabia que Sociedades particulares não tinham condições de manter um trabalho com essas características. Com base nisso, passou a antever que a solução para o problema seria um convênio entre Universidade Federal, Município e Estado. A proposta foi bem aceita. Entretanto, logo num primeiro momento, esbarrou-se nos entraves burocráticos. Por essa razão, a realização do sonho foi adiada para o início da década seguinte.

O passo subsequente foi fortalecer o trabalho realizado no Instituto de Artes, na área de música de conjunto. Nos anos de 1977 e 1978 foram realizados recitais de

grupos menores de sopros e de cordas. Um desses conjuntos foi a Orquestra de Câmara Oitocentista, criado em fevereiro de 1979 e regido por Braz de Pina até 31 de março de 1980. Esse grupo de músicos, praticamente formado por alunos e professores da Instituição, constituiu-se no embrião da Sinfônica de Goiás, a primeira Orquestra profissional finalmente criada no Estado.

3. A era do profissionalismo

Após mais de trinta anos de luta de grupos ligados à música erudita e à cultura de Goiás, finalmente, o poder público passou a investir, de forma considerável, na música sinfônica. Todavia, o desafio nas décadas seguintes passou a ser a luta pela continuidade desse sonho.

3.1 A Orquestra Sinfônica de Goiás (1980-1987)

No decorrer do primeiro semestre de 1980, a montagem da Orquestra Sinfônica profissional foi intensificada. PINA FILHO (2002, p.111) revela que, no mês de junho, a Orquestra da UFG, acrescida de alguns músicos amadores da cidade, passou a realizar ensaios regulares no segundo andar do Museu Zoroastro Artiaga, na Praça Cívica.

Paralelo a isso, os cargos de músico da Fundação Cultural foram criados pelo despacho governamental nº 555, de 10 de junho de 1980. Enquanto aguardava a contratação dos instrumentistas, o Presidente dessa Fundação, o poeta e músico Jacy Siqueira (1935-2010), providenciava a aquisição de instrumentos que faltavam à orquestra.

O grupo chegou a fazer algumas apresentações nos meses seguintes, mas apenas em 11 de novembro, via Portaria nº 147, de 24 de novembro, o Governador Ary Valadão autorizou a contratação dos 47 heroicos músicos, além de seu maestro titular, Braz de Pina. Estava criada, finalmente, a Orquestra Sinfônica de Goiás (OSG), depois de várias e frustradas tentativas.

O primeiro concerto oficial da recém-criada orquestra aconteceu na manhã do dia 19 de outubro de 1980, no Centro de Tradições Goianas, localizado no Edifício Parthenon Center, Goiânia, para uma plateia de aproximadamente 200 pessoas.

Em agosto de 1981, fui convidado pelo maestro Braz de Pina a integrar a OSG. Eu tinha 13 anos de idade e fazia o Curso Técnico de Violino, oferecido pelo

Instituto de Artes (atual EMAC/UFG) que, naquela época, ocupava parte das instalações do prédio da Faculdade de Engenharia, na Praça Universitária. O convite foi feito nas dependências daquela instituição. Não me lembro o dia da semana ou do mês. Certo é que, na segunda-feira seguinte, já passei a ensaiar com o grupo no Museu Zoroastro Artiaga. Alguns dias depois, mais precisamente na noite do dia 16 de outubro, no Centro de Tradições Goianas (Ed. Parthenon Center), participei de um concerto com a Sinfônica. Aquela foi a primeira de centenas de apresentações das quais participei até 1991, quando pedi demissão para assumir o cargo de professor na Escola de Música e Artes Cênicas da UFG (antigo Instituto de Artes).

Com a incorporação de mais alguns músicos, no ano de 1981, a OSG tornou-se a primeira orquestra, criada em Goiânia, capaz de executar um repertório verdadeiramente sinfônico.

Contudo, em dezembro de 1985, na Praça Cívica, foi realizado o último concerto da Orquestra Sinfônica de Goiás, sob a direção de Braz de Pina. Em março do ano seguinte, o regente divulgou uma carta aberta ao povo goiano e, no final desse documento, o maestro comunicava que havia solicitado seu afastamento da OSG, a partir do dia 02 de março. No final desta carta explicitou os motivos: por estar

(...) instado pelo cansaço de tentar conseguir alguma coisa de útil de uma administração cultural cega aos seus propósitos naturais (...). Vejo meu trabalho impedido pela obtusidade desses dirigentes (...). Talvez, com a minha retirada, deem à Orquestra o que negaram durante minha gestão: dignidade. Deixo a Sinfônica, mas não abandono o direito de lutar pelo que acredito. (PINA FILHO, 2002, p.121).

Desde o ano de 1983, a OSG havia sido absorvida pela Secretaria da Cultura e Desporto, órgão administrado, à época, pelo Sr. Iron Jayme do Nascimento, indicado pelo governador Iris Resende Machado. Na referida carta, Braz de Pina apontaria alguns graves problemas na orquestra originados, principalmente, a partir da extinção da Fundação Cultural de Goiás. Entre eles estavam a repentina proibição de cumulação de cargos, a proibição de novas contratações e a defasagem salarial, sendo este, a causa da visível desmotivação e do afastamento de importantes instrumentistas da orquestra. O assunto foi abordado com destaque no Caderno 2 do Jornal “O Popular”, edição do dia 16 de março de 1986.

O titular da Secretaria da Cultura e Desporto optou, então, por aceitar o pedido do maestro Braz de Pina. Para ocupar o seu lugar foi convidado, então, o maestro Levino Alcântara, à época, com 63 anos de idade e residente em Brasília.

3.2 A frustrada reestruturação de 1986

Levino Alcântara chegou a Goiânia disposto a fazer uma total reformulação na OSG. Encontrou um grupo com apenas 35 músicos que recebiam um salário mínimo pela obrigação de ensaiar duas horas por dia. Levino contava com o aumento salarial, além da realização de um concurso público nacional para o preenchimento de vagas do quadro profissional da orquestra. Previa, também, a montagem de uma escola para a formação e especialização de músicos para a orquestra. O Jornal “O Popular”, do dia 27 de abril de 1986, intitulava a principal matéria de seu Caderno 2 como um “Novo fôlego na busca da performance ideal”. O início do texto da jornalista Lucyleide Rodovalho dizia:

Mais uma vez a Orquestra Sinfônica tenta nova reestruturação, o que não chega a ser novidade diante do quadro histórico que atravessou, marcado por períodos férteis, crises, troca de regentes e desativações esporádicas. Em 86 veio à tona uma nova fase crítica, consequência de inúmeros problemas administrativos e de desencontros (...). Rubens Chaer [Um dos Secretários de Cultura do primeiro governo de Iris Resende] acredita no potencial regional e acha que, antes de mais nada, é preciso levar a sério a formação profissional dos jovens músicos (...). (Jornal “O Popular”, 27 abril 1986).

O primeiro concerto de Levino Alcântara, em 30 de junho de 1986, no Teatro Goiânia, foi inesquecível! Contou com a participação de um solista convidado, o violinista francês Nicolas Merat, que interpretou o famoso Concerto em mi menor do compositor alemão Félix Mendelssohn (1809-1847). Mas não passou disso. Decepcionado com as falsas promessas, o maestro abandonou o barco e retornou a Brasília.



**Figura 6 - Levino Alcântara
(1922-2014)**

O grupo não contava mais com um maestro. Conseqüentemente, não havia ensaios. Por parte do governo, faltava uma definição quanto ao destino dos músicos, estes que permaneciam com seus contratos. Por quase dois anos, nós, músicos, apenas assinávamos o ponto.

3.3 A Orquestra Filarmônica de Goiás (1988)



Figura 7 - Jornal "O Popular" (09/08/1988). Arquivo: Othaniel Alcântara

No início de 1988, a prometida reestruturação, enfim, chegou. A nova empreitada foi liderada por Joaquim Thomaz Jayme (maestro e professor aposentado do IA/UFG), durante a administração de Kleber Adorno à frente da Secretaria de Cultura

do Estado. A primeira providência foi alterar o nome da orquestra. No entendimento do novo Diretor Artístico, em entrevista ao Jornal “O Popular”, edição de 09/08/1988, o novo nome, “Filarmônica” (ver nota de rodapé nº 1), facilitaria a cooptação de fundos da iniciativa privada, com base na Lei Sarney, aliviando, dessa forma, os cofres do Estado.

Na teoria, a ideia era estabelecer uma espécie de parceria entre o setor privado e o Governo Estadual. Para tanto, seria criada a Sociedade Filarmônica de Goiás. Na prática, a “sociedade” não saiu do papel. Assim, o poder público estadual acabou sendo o único responsável pela manutenção da orquestra.

Quanto aos recursos humanos da nova orquestra, o projeto previa que todos os 64 cargos de músico fossem preenchidos mediante concurso público, o que obrigaria os antigos instrumentistas da antiga Sinfônica a participarem do pleito. As audições públicas foram realizadas no mês de fevereiro. A banca examinadora foi composta pelo maestro Joaquim Jayme, pelo violinista Frederico Barreto e pelo maestro Benito Juarez; os dois últimos, respectivamente, *spalla* e regente titular, da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas/SP. O salário atraente atraiu cerca de 160 candidatos de todas as regiões do Brasil e até do exterior. Foram aprovados 49 músicos, 15 deles goianos. No entanto, apenas 37 tomaram posse no mês de junho.

A sede da orquestra foi transferida do Museu Zoroastro Artiaga, Praça Cívica, para o Centro Cultural Gustav Ritter, no Setor Campinas. Um concerto chamado de pré-estreia foi realizado na cidade de Caldas Novas/GO. E, finalmente, em 25 de julho de 1988, aconteceu a estreia no Palácio Conde dos Arcos, na Cidade de Goiás (antiga Vila Boa). Nesse dia, o Governador Henrique Santillo anunciou para o público presente, incluindo a imprensa, a “criação” da Orquestra Filarmônica de Goiás (OFG).



Figura 8 - Maestro Joaquim Thomaz Jayme

Na média, o grupo reunido na “era” Joaquim Jayme, tinha o melhor nível técnico-artístico de uma sinfônica (ou filarmônica), montada até então no Estado de Goiás. A OFG realizou, entre outras apresentações, dois concertos mensais no Teatro Goiânia, a maioria deles com a participação de maestros e solistas convidados de alto nível. Contudo, logo alguns dos velhos e conhecidos problemas voltaram a assombrar a orquestra. O conteúdo da primeira página do Caderno 2 do Jornal “O Popular”, que circulou no dia 28 de junho de 1991, conjecturou bem o que aconteceria a seguir.



Figura 9 - Jornal "O Popular" (28/06/1991). Arquivo: Othaniel Alcântara

Algumas frases de efeito foram usadas na reportagem como, por exemplo: “Ironicamente, o mesmo governo que criou a Orquestra, em 1988, determinou seu fim, através de decreto [Decreto 3525, de 24 de setembro de 1990], deixando vários músicos a ver navios”.

Foram extintos 58 cargos comissionados, de acordo com a informação do jornalista Antônio Lisboa, que assinou a matéria supramencionada. Dezesesseis (16) músicos “sobreviventes” concursados, mais uma vez ficaram meses parados, recebendo cerca de um salário mínimo.

Joaquim Jayme partiria para um novo desafio: a criação, em 1993, da Orquestra Sinfônica Municipal. Esse maestro, inicialmente, esteve à frente desse organismo, como Regente Titular e Presidente da Fundação Orquestra Sinfônica de Goiânia até o final do ano 2000, durante os mandatos de Darci Accorsi (1945-2014) e Nion Albernaz (1930), como prefeitos da Capital. Entre 2001 e 2004, durante a gestão

do Prefeito Pedro Wilson, as temporadas foram dirigidas por Marshal Gaioso Pinto (de março de 2001 a julho de 2003) e, depois, por Emílio De Cesar (2003/2004). Após esse período, Joaquim Jayme retomou seu trabalho à frente da Sinfônica Municipal, cargo que ainda ocupa atualmente.

3.4 Mais uma reestruturação da OFG (1992)

Em 1991, para as comemorações do aniversário da Capital, o Governador Iris Resende trouxe a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional de Brasília para a realização de um concerto de gala no Teatro Goiânia. Ao final, o Governador foi ao palco para cumprimentar o maestro Emílio De Cesar.

Durante as homenagens, uma pessoa da plateia gritou “cadê a orquestra de Goiás governador?”. Na sequência, grande parte do público também se manifestou, repetindo a mesma frase por vários minutos. Algum tempo depois, o Governador chamou o Presidente da Fundação Cultural Pedro Ludovico Geraldo Coelho Vaz ao palco. Os dois conversaram em particular por alguns minutos. Em seguida, Geraldo Vaz fez uso do microfone para anunciar ao público presente que já estava em andamento a elaboração de um plano para reativar a Orquestra Filarmônica de Goiás.

Meses depois, uma proposta foi feita ao regente da Orquestra do Teatro Nacional de Brasília. Em cerimônia realizada em junho de 1992 foi apresentada pelo Sr. Geraldo Coelho Vaz a nova equipe responsável por mais uma reestruturação da orquestra: o carioca radicado em Brasília, Emílio De César, como maestro e as musicistas goianas Dalva Albernaz do Nascimento e Belkiss Spencièrre, professoras aposentadas da UFG, respectivamente, gerente e supervisora musical do Centro Cultural Gustav Ritter, dirigido, naquela época por Tânia Cruz.

O Governador Iris Resende teria dito, na matéria jornalística supracitada, segundo o maestro Emílio De Cesar, que a “criação” da orquestra era apenas o começo de uma política cultural que abrangeria também a formação de outros três organismos: coro, balé e ópera.



Figura 10 - Maestros da OFG no período 1992-1994: Emilio De Cesar (Regente Titular) e Marshal Gaioso Pinto (Regente Assistente)

Os músicos remanescentes do concurso de 1988 foram todos convocados. E uma nova audição pública foi realizada para o preenchimento das vagas restantes da primeira fase da reestruturação. O programa do primeiro concerto dessa nova orquestra data de 31 de agosto de 1992. Neste dia, no Teatro Goiânia, apresentaram-se quase setenta músicos, vários deles contratados apenas para aquela apresentação (cachê). O maestro Emilio De Cesar fez duas boas temporadas à frente do grupo.

Porém, depois das eleições de 1994, muita coisa mudou e, como de costume, os gestores da política cultural não conseguiram dar sequência a mais um projeto relacionado à Orquestra Filarmônica de Goiás. Por falta de condições de trabalho, o Regente Titular e seu Assistente, o goiano Marshal Gaioso Pinto, pediram demissão. Atendendo ao pedido de Emílio De Cesar, Marshal ficaria por alguns meses liderando o grupo até a contratação de seus sucessores. Em entrevista à jornalista Marluce Zacariotti, do Jornal “O Popular” de 03/09/1994, o maestro justificou-se dizendo que desistiu de insistir diante do “desinteresse do Governo”.

Na mesma matéria, Emílio De Cesar afirmou que há meses vinha lutando junto ao Governo do Estado para a melhoria de condições de trabalho. O primeiro problema a ser resolvido seriam os salários, à época, muito abaixo do piso de qualquer orquestra brasileira. Na opinião de Emílio De Cesar, emitida em setembro de 1994, os baixos salários tornavam impossível atrair músicos de outros Estados e que os goianos não eram suficientes para a formação de uma orquestra.

Após o pedido de demissão de Emílio De Cesar, o Presidente da Fundação Cultural de Goiás, Doracino Naves, segundo a matéria supramencionada, teria

conseguido um aumento salarial de 25% para os músicos da OFG. Ressalta-se que, mesmo assim, os vencimentos continuaram bem inferiores à média nacional. Em consequência disso, alguns músicos abandonaram a orquestra. Cerca de 45 instrumentistas se empenharam a batalhar pela continuidade da Filarmônica.

Indicado por alguns músicos brasileiros pertencentes ao grupo formado por Emílio De Cesar foi contratado, então, o maestro Sérgio Kuhlmann, que dirigiu a OFG, mesmo com muitas dificuldades, até o final do mandato do Governador Maguito Vilela, mandato que foi concluído pelo seu vice, Naphtali Alves de Souza, em dezembro de 1998.



Figura 11 - Maestros da OFG no período 1995-1999: Sérgio Kuhlmann (Regente Titular) e Eliseu Ferreira (Regente Assistente).

3.5 A OFG é reduzida a uma Orquestra de Câmara (1999)

Na primeira passagem de Marconi Perillo pelo Palácio das Esmeraldas (1999 a 2003) a OFG foi reduzida e transformada na Orquestra de Câmara Goyazes. A iniciativa dessa medida partiu do Sr. Eduardo José Morais, Diretor de Ação Cultural da Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira (AGEPEL), órgão estadual responsável pela administração da orquestra naquela época, presidido por Nars Chaul.

Para o maestro Zé Eduardo, como é mais conhecido na cidade, seria melhor o Estado manter uma orquestra menor com melhores salários, do que uma grande Filarmônica com os já conhecidos e crônicos problemas salariais. Deste modo, oficialmente, em agosto de 1999, foi criada a Orquestra de Câmara Goyazes.

Incoerentemente, representantes do Poder Público Estadual admitiram à jornalista Viviane Maia, em matéria publicada no Jornal O Popular, em 17/01/2001, a

possibilidade de organizar uma terceira orquestra em Goiânia. Seria, segundo o texto, o maior grupo musical já reunido na Capital (80 a 100 instrumentistas). Tratava-se, na verdade, de um projeto ambicioso de Joaquim Jayme¹¹², ex-regente da OFG (1988-1991). A proposta enviada ao Governador Marconi Perillo, não foi adiante.

Voltando à Orquestra Goyazes, para o preenchimento das 24 vagas definidas para o novo conjunto instrumental, foi realizada uma audição dos músicos ainda vinculados ao Estado. Para ocupar os cargos de “Regente Titular” e “Diretor Artístico” foi contratado o ex-assistente do maestro Sérgio Kuhlmann, o goiano Eliseu Ferreira.

A orquestra permaneceria com o quadro de músicos reduzido durante o segundo mandato de Marconi Perillo (2002 a 2006), bem como durante o mandato de Alcides Rodrigues (de 2006 a 2011), como governadores do Estado de Goiás.

Eliseu Ferreira esteve à frente da Orquestra de Câmara em dois períodos: de 1999 a 2003 e, depois, de 2008 a 2011. O grupo contou também com a direção de Alessandro Borgomanero em dois momentos: de 2003 a 2007 e a partir de 2011, ano em que a Goyazes foi desativada para dar origem à atual Filarmônica de Goiás.



Figura 12 - Alessandro Borgomanero (violinista e maestro)

3.6 A “nova” Orquestra Filarmônica de Goiás (2012)

No início do terceiro mandato de Marconi Perillo, em 2011, a coordenação da Orquestra de Câmara Goyazes foi entregue à musicista Ana Elisa dos Santos

¹¹² Um pouco antes, no início de 2000, o maestro Joaquim Jayme havia sido demitido da Sinfônica de Goiânia, Orquestra criada por ele em 1993. A decisão pela demissão foi tomada pelo Superintendente da Fundação Orquestra Sinfônica, Júnior César Bueno, durante a gestão de Pedro Wilson como Prefeito Municipal.

Cardoso, que, meses depois, enviou ao Governador uma proposta emergencial com vistas a ressuscitar a Filarmônica.

Segundo as palavras da própria Ana Elisa, em entrevista para a conclusão desse trabalho, a proposta previa, entre outros itens, a aquisição de recursos humanos por meio de um concurso, um novo plano de cargos e salários, além da criação de uma programação completa, de forma antecipada, para as futuras temporadas de concertos.

Após o período de audições para a contratação dos novos músicos, a nova orquestra foi apresentada aos goianos em cerimônia realizada no mês de janeiro de 2012, no Palácio das Esmeraldas. Foram realizados aproximadamente 20 concertos na primeira temporada, todos dirigidos pelos maestros Alessandro Borgomanero e Eliseu Ferreira, com destaque para a participação de renomados solistas e regentes convidados.

O sucesso do trabalho realizado por Ana Elisa e sua equipe permitiu que uma nova proposta fosse aprovada pelo Governador Marconi Perillo. Nela constava, além da expansão do corpo sinfônico, a criação de uma Superintendência da OFG, sediada no Centro Cultural Oscar Niemeyer. Tratava-se de uma unidade básica com 65 cargos de músicos, maestros (titular e assistentes), equipes técnicas e de apoio à Orquestra. Em 2014, foi contratado o inglês Neil Thonson para o cargo de Regente Titular, escolhido para o projeto de inserção do grupo no cenário internacional da música erudita.



**Figura 13 - Neil Thonson
(atual Regente Titular da OFG)**

Desde então, a orquestra tem recebido elogios por parte da imprensa especializada do país, culminando com o reconhecimento de críticos musicais na seção “Melhores do Ano”, do Jornal “Folha de São Paulo”, no final da temporada 2015.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Maria Terezinha Brunatto. *A presença de Jean François Douliez na música em Goiás*. Goiânia, 2008. 101 p. Dissertação (Mestrado) - Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás.

BORGES, Maria Helena Jayme. *A Música e o piano na sociedade goiana (1805-1972)*. Goiânia: FUNAPE, 1998. 167 p.

CALDAS, Margareth. Nome novo, vida nova. *Jornal O Popular - Caderno 2*. Goiânia, 09 de ago. 1988.

DAMÁSIO, Lailson. Trajetória Tumultuada. *Jornal O Popular - Caderno 2*. Goiânia, 09 de ago. 1988.

GODINHO, Iúri Rincon. *A Construção: cimento, ciúme e o caos nos primeiros anos de Goiânia*. Goiânia: Contato Comunicação, 428 p.

GOIÁS. Estatutos da Associação Goiana de Música. Diário Oficial do Estado de Goiás nº 6.459. Goiânia, 23 de junho de 1951. p.6.

LISBOA, Antônio. Crepúsculo musical da Orquestra Filarmônica. *Jornal O Popular - Caderno 2*. Goiânia, 28 jun. 1991.

MAIA, Viviane. Criação de mais uma orquestra gera polêmica. *Jornal O Popular - Caderno 2*. Goiânia, 17 jan. 2001.

MELHORES concertos nacionais de 2015 são eleitos pelo júri e pelo público. *Guia Folha (Site da UOL) - Folha de São Paulo*. São Paulo 25/12/2015. Disponível em <<http://guia.folha.uol.com.br/concertos/2015/12/1722365-melhores-concertos-nacionais-de-2015-sao-eleitos-pelo-juri-e-pelo-publico.shtml>>

MENDONÇA, Belkiss Spencièrre Carneiro de. *A Música em Goiás*. 2 ed. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1981. 385 p.

_____, Belkiss Spencièrè Carneiro de. *Andanças no tempo*. 2 ed. Goiânia: Agepel, 2006, 310 p.

ORTENCIO, Bariani. *História documentada e atualizada de Campinas (1810-2010)*. Goiânia: Kelps, 2011. 464 p.

PINA FILHO, Braz Wilson Pompeu de. *Memória Musical de Goiânia*. Goiânia: Kelps, 2002. 318 p.

PINHEIRO, José S. Os sons que não estão nas partituras. *Jornal O Popular - Caderno 2*. Goiânia, 16 mar. 1988.

REGINA, Márcia. Colégio Santa Clara Patrimônio Cultural. In: SILVA, Antônio M.; GALLI Ubirajara (Org.). Goiânia: Instituto Cultural José Mendonça Teles, Scala Editora, 2010. p. 63-65.

RODOVALHO, Lucyleide. Novo fôlego na busca da performance ideal. *Jornal O Popular*. Goiânia, 27 abril 1986.

RODRIGUES, Maria Augusta Calado de Saloma. *A Modinha em Vila Boa de Goiás*. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1982. 342 p.

ZACARIOTTI, Marluce. Desarmonia na Filarmônica. *Jornal O Popular - Caderno 2*. Goiânia, 03 set. 1994.



VI COLÓQUIO DE HISTÓRIA E IMAGENS

Identidade(s) Nacional(is)
nas Artes da República

ANAIS

Realização

GEHIM – Grupo de Estudos de História e Imagens

Apoio

EMAC – Escola de Música e Artes Cênicas/UFG

LUPPA – Laboratório de Produção e Pesquisa Audiovisual/UEG

TECCER – Progr. de Pós-Graduação em Territ. e Expr. Culturais do Cerrado/UEG

PPGH – Programa de Pós-Graduação em História/UFG

Comissão Executiva

Ademir Luiz da Silva

Arnaldo Salustiano

Anna Paula Teixeira Daher

Gyovana de Castro Carneiro

Heloisa Selma Fernandes Capel

Jacqueline Siqueira Vigário

Othaniel Alcântara

Sílvia Zeferina de Faria

ISSN

2447-6676

Periodicidade

Anual

Idiomas

Português/Francês/ Italiano/ Espanhol

ANO

2016

Universidade Federal de Goiás

Campus II – Samambaia

Faculdade de História

Caixa Postal 131

CEP 74001-970

TEXTOS COMPLETOS

ANA RITA VIDICA - TEMPORALIDADES CRUZADAS: UM OLHAR-ANDANTE POR OBRAS DE INTERVENÇÃO URBANA COM O USO DA FOTOGRAFIA

ANA SOFIA ALENCAR LAMBERT - O MENOR EM SITUAÇÃO DE RUA E VIOLAÇÃO DE DIREITOS HUMANOS: UM ESTUDO À LUZ DE GLAUCO E SEU PERSONAGEM FAQUINHA

ANNA MARIA NUNES - IMAGENS EM DISPUTA: O DISCURSO TRADICIONAL FRENTE AO AGRONEGÓCIO

ANNA PAULA TEIXEIRA DAHER - SENSIBILIDADES OITOCENTISTAS NAS FIGURAS FEMININAS DE JOSÉ FERRAZ DE ALMEIDA JR.

CRISTINA SUSIGAN - MOÇA COM BRINCO DE PÉROLA: A MONA LISA DO NORTE DE JOHANNES VERMEER

DANIELA CRISTINA PACHECO - REPRESENTAÇÕES MITO-SIMBÓLICAS DA DEUSA ÍSIS: A REDENÇÃO PELO SAGRADO FEMININO

GLAYCE ROCHA SANTOS COIMBRA - RITUAIS DE MORTE: ESTUDOS DOS CEMITÉRIOS NA REGIÃO DE BARRO ALTO NO SERTÃO DA BAHIA

GIVALDO FERREIRA CORSINO JR. - OS EX-VOTOS PICTÓRICOS DO SANTUÁRIO DE TRINDADE-GOIÁS: OBJETOS ESTÉTICOS DA MEMÓRIA, ÍNDICES DO IMAGINÁRIO E TESTEMUNHOS DE FÉ

GYOVANA DE CASTRO CARNEIRO - A CHEGADA DA CORTE PORTUGUESA NO RIO DE JANEIRO E A OBRA DE PE. JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA: RECEPÇÃO, ADAPTAÇÃO E EXCLUSÃO

HELOISA SELMA FERNANDES CAPEL - REPRESENTAÇÕES MITO-SIMBÓLICAS DA DEUSA ÍSIS: A REDENÇÃO PELO SAGRADO FEMININO

INGLAS FERREIRA NEIVA DOS SANTOS - A CENA CULTURAL EM GOIÂNIA E A CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS DA MÚSICA REGIONAL

JACQUELINE SIQUEIRA VIGÁRIO - ENTRE A ESTÉTICA E A PREGAÇÃO: O SIGNIFICADO DA SOBREVIVÊNCIA DA FORMA SACRA EM CONFALONI

JOSÉ LOURES - CASAS MÍSTICAS: A ORIGEM DOS JOGOS DE TABULEIRO

MARIA CLARA CAPEL DE ATAÍDES - A MULHER SEM ROSTO: AUSÊNCIAS NO DIREITO E A IDENTIDADE NEGADA EM A HORA DA ESTRELA

MARIANA BERNARDES - DE WALTER BENJAMIN AOS MANUSCRITOS BARROCOS DE GOIÁS NO SÉCULO XVIII: O CONCEITO DE ESCRITA-IMAGEM

MAURO ALVES PIRES - IMAGENS NA PRIMEIRA REPUBLICA: ESCOLA DE APRENDIZES ARTÍFICES E O MODELO DE GRUPOS ESCOLARES

OTHANIEL PEREIRA DE ALCÂNTARA JR. - IMAGENS DA ORQUESTRA FILARMÔNICA EM GOIÁS: UMA BREVE RETROSPECTIVA

RAQUEL MIRANDA BARBOSA - A CIDADE-COTIDIANO: *MODOS DE VER* AS “ARTES DO FAZER” NA CIDADE DE GOIÁS NO SÉCULO XIX

ROBERTA DO CARMO RIBEIRO - UM INTELLECTUAL JUDEU ENTRE A CIDADE REAL E A CIDADE IDEAL: CINEMA E POLÍTICAS PÚBLICAS NA CRIAÇÃO DA NOVA IORQUE DE WOODY ALLEN (1977-2009)

SILVIA ZEFERINA DE FARIA - TRADIÇÃO E PRESERVACIONISMO NA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE OCTO MARQUES (1915-1988)